

**CEDI****Povos Indígenas no Brasil**Fonte: Journal do BrasilClass.: PVO GeralData: 14.04.81

Pg.: \_\_\_\_\_

**Ainda índios**

Gostaríamos de manifestar nossa estranheza diante de uma notinha publicada na coluna Zózimo de 18/03/81, que comenta o resultado de uma partida de futebol no Xingu, baixo o título **Aculturação**. Está implícito na nota que índios que vencem um jogo de futebol contra brancos não são mais índios (será que até no futebol eles têm que perder?). Por essa lógica, brasileiros que jogam bola não são brasileiros, e sim aristocratas ingleses — pois não é o futebol um “esporte bretão”? Membros de uma sociedade podem adotar novos hábitos, jogos, maneiras de vestir e de falar, sem por isso perder suas características e sua identidade nacionais, que incluem língua, religião, tradições etc. A nós nos parece que Zózimo, que embora brasileiro deve beber seu *scotch* e seu *champagne*, deveria se informar um pouco junto a conhecedores da realidade indígena (sugerimos que procure a Comissão Pró-Índio/RJ), antes de achar tão estranho o futebol dos Yawalapíti ou as atividades de Mário Juruna (sobre cuja pessoa, aliás, o colunista tem se esmerado em despejar calúnias disfarçadas de amenidades). Se Zózimo tivesse tido tal trabalho antes de escrever sua notinha, poderíamos tê-lo esclarecido, por exemplo, de que a preferência dos Yawalapíti pela camisa do Vasco da Gama deve-se, em grande parte, à lealdade com que eles continuam honrando o diretor do Parque do Xingu deposto pela FUNAI, Olympio Serra — torcedor dedicado do Vasco —, e que o uso da Cruz de Malta é, portanto, também um ato político.

Como Zózimo poderia então descobrir, há outras formas de usar politicamente o futebol que a “brasileira”, especialmente útil para adormecer diferenças e promover falsas “integrações nacionais”. O futebol xinguano, e a camisa do Vasco, estão ali para marcar que os índios ainda são índios. Anthony Seeger e Eduardo Viveiros de Castro, antropólogos do Museu Nacional — Rio de Janeiro.